

AS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA:

UM PERCURSO DE CANTOS E DESENCANTOS

Carmen Lucia Tindó Secco-

Profª. de Literaturas Africanas da UFRJ

Pesquisadora CNPq

As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa são ainda jovens, com aproximadamente, 160 anos de existência. Apesar de os primeiros textos datarem da segunda metade do século XIX, só no século XX, na década de 30 em Cabo Verde (com *Claridade*), e nos anos 50 em Angola (com *Mensagem*), é que essas literaturas começaram a adquirir maioridade, se descolando da literatura portuguesa trazida como paradigma pelos colonizadores. Embora não se tenham desenvolvido sempre em conjunto, devido aos seus respectivos contextos sócio-culturais diferenciados, essas literaturas são, geralmente, estudadas, nos meios universitários ocidentais, sob denominação abrangente que envolve a produção literária de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, ex-colônias de Portugal na África.

Tal designação se deve à relevância que as literaturas africanas tiveram, nas décadas de 40, 50 e 60 do nosso século, quando, reunidos na Casa dos Estudantes do Império de Lisboa, estudantes africanos _ entre eles Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Mário Pinto de Andrade, Francisco José Tenreiro, António Jacinto _ iniciaram, sob os ecos da negritude francesa, do negrismo afro-americano e sob o signo do anticolonialismo, um movimento político-literário de valorização das literaturas de seus países. Nesse processo, além da negritude, cuja influência levou à defesa da africanidade no campo literário, tiveram também importância o Neo-Realismo português e o Modernismo brasileiro por seus conteúdos sociais que serviram de modelo à fundação do nacionalismo nessas literaturas.

Em Angola e Moçambique, nos anos 50, surge uma poesia direcionada para a afirmação das raízes africanas e da identidade a ser recuperada. Sob o lema “Vamos descobrir Angola”, o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola propunha o resgate da angolanidade, também reivindicada pelos poetas de *Mensagem*, entre eles Viriato Cruz, António Jacinto, Agostinho Neto, autor do livro de poemas *Sagrada Esperança*, de quem lembramos o poema:

MÃOS ESCULTURAIAS

Além deste olhar vencido
cheio de mares negreiros
fatigado
e das cadeias aterroradoras que envolvem lares
além do silhueta mágico das figuras
nocturnas
após cansaços em outros continentes dentro de África

Além desta África
de mosquitos
e feitiços sentinelas
de almas negras mistério orlado de sorrisos brancos
adentro das caridades que exploram e das medicinas
que matam

Além África dos atrasos seculares
em corações tristes

Eu vejo
as mãos esculturais
dum povo eternizado nos mitos
inventados nas terras áridas da dominação
as mãos esculturais dum povo que constrói
sob o peso do que fabrica para se destruir

Eu vejo além África
amor brotando virgem em cada boca
em lianas invencíveis da vida espontânea
e as mãos esculturais entre si ligadas
contra as catadupas demolidoras do antigo

Além deste cansaço em outros continentes
a África viva
sinto-a nas mãos esculturais dos fortes que são povo

e rosas e pão
e futuro.

(*Sagrada Esperança*, 1975)

Em Moçambique, também nessa época, se inicia uma poética voltada para a moçambicanidade, cujas principais vozes foram as de Noêmia de Souza, Marcelino dos Santos e José Craveirinha, poeta que, em 1992, recebeu o Prêmio Camões de Literatura, e continua a escrever até hoje, tendo passado por várias fases. O seu livro *Xigubo* (1964) reúne poemas desse período, versando sobre temas africanos e fazendo a crítica ao racismo, ao colonialismo, aos séculos de escravidão. Citamos do poeta o poema inédito:

SAMBO

Do mar
Vieram os lívidos navegantes
com espadas e missangas
e ficaram.

O cheiro da pólvora e do sangue chamou os corvos
e as quinzombas de dentes amarelos
comeram da guerra das espadas
do erotismo das balas
e do rútilo brilho das missangas.

E para um Brasil de roças de cacau
senhores de engenho
gritos de cangaceiro
e minas de ouro
as proas dos barcos levaram Sambo
os batuques de Sambo
e a mais linda filha de Sambo.
E o negro
aprendeu as rezas dos capitães negreiros
dizendo o terço com grilhetas nos pulsos e nos pés
e o Brasil se encontrou.

Sambo das roças brasileiras
das tardes de futebol no Maracanã
do candomblé na Bahia
e das escolas de samba nas favelas do morro
volta que os cajueiros estão florindo em África

e os corvos e as quizumbas de Johannes Strijdon
ansiosamente querem
mais carnavais de sangue.

(Poema inédito cedido pela Dra. Fátima
Mendonça, Prof^a da Universidade Eduardo
Mondlane, de Maputo)

Em Angola, a poesia de Agostinho Neto, em sua fase da negritude, também clamou contra a opressão sofrida pelos negros, denunciando a exploração escrava. Tanto em Angola, como em Moçambique, nesse período, a poesia se afasta dos cânones portugueses e recusa a civilização europeia. É uma poética acusatória, de forte impacto social, que faz ecoar o grito negro da rebeldia. Em busca das raízes profundas do ser africano, utiliza vocábulos das línguas nativas, de modo a macular o idioma do colonizador. Craveirinha, por exemplo, traz para seus poemas os sons das marimbas e do tambor, mesclando o português com palavras em ronga. Poetas angolanos desse momento também procedem assim, introjetando ao português expressões do quimbundo, do mbundo, do quicongo e de outras línguas, de modo a assinalar, com odores e saberes africanos, o idioma trazido pelo colonizador.

Representando a poesia de São Tomé e Príncipe, temos as vozes de Francisco José Tenreiro, de Maria Manuela Margarido e de Alda do Espírito Santo, entre outras, defendendo os paradigmas da negritude e/ ou a identidade das ilhas. Com a palavra, Dona Alda, uma das " grandes damas" das Literaturas Africanas:

EM TORNO DA MINHA BAÍA

Aqui, na areia,
Sentada à beira do cais da minha baía
do cais simbólico, dos fardos,
das malas e da chuva
caindo em torrente
sobre o cais desmantelado,
caindo em ruínas
eu queria ver à volta de mim,
nesta hora morna do entardecer
no mormaço tropical
desta terra de África
à beira do cais a desfazer-se em ruínas,
abrigados por um toldo movediço
uma legião de cabecinhas pequenas,
à roda de mim,
num vôo magistral em torno do mundo
desenhando na areia
a senda de todos os destinos
pintando na grande tela da vida
uma história bela
para os homens de todas as terras
ciciando em coro, canções melodiosas
numa toada universal
num cortejo gigante de humana poesia
na mais bela de todas as lições:
HUMANIDADE.

(in *Poetas de São Tomé e Príncipe*, 1963. Apud *No Reino de Caliban II*, p. 449 e 450)

Em Cabo Verde, desde a década de 30, Claridade já clamava por uma poesia autêntica, que buscava afirmar a cabo-verdianidade. Essa poética, ao contrário do que ocorre em Moçambique e Angola, na década de 50, não reivindicava os temas da negritude, tendo em vista a predominância

mestiça em Cabo Verde, cujas ilhas, desertas na ocasião da descoberta, foram povoadas por portugueses oriundos da Madeira e negros vindos da Guiné.

Claridade representou uma virada na lírica do Arquipélago. Influenciada pelo Modernismo brasileiro, essa geração rompeu com as formas clássicas da poesia, incorporando o verso livre, a não preocupação com as rimas, o uso do crioulo, os temas cabo-verdianos. Ouçamos Jorge Barbosa, uma das mais representativas vozes de Claridade:

O mar

Ai o mar
que nos dilata sonhos e nos sufoca desejos!

— Ai a cinta do mar
que detém ímpetos
ao nosso arrebatamento
e insinua
horizontes para lá
do nosso isolamento!

(Convite da viagem apetecida
que se não faz.)

—Ai o cântico
estranho
do Atlântico,
que se não cala em nós!

Talvez um dia
inesperado remoinho de águas
passe
borbulhante,
envolvente,
alguma onda mais alta
se levante...

Talvez um dia...

— Quem sabe!...
Depois
na senda dos tempos
continuará
a marcha dos séculos

... E outra lenda
virá...

(Apud: Mario Pinto de Andrade, obra citada
anteriormente, p. 19 e p. 20)

A poética claridosa fez o testemunho documental do dilema crucial do ilhéu, um ser cindido pelo desejo de ficar e pela necessidade de partir. Falta, entretanto, à maioria dos representantes dessa lírica uma conotação político-social mais direta, o que só ocorrerá efetivamente com as gerações seguintes. Seus principais poetas foram Jorge Barbosa, Manuel Lopes, Oswald Alcantara (pseudônimo, como poeta, de Baltasar Lopes). Os dois últimos também escreveram prosa: Manuel Lopes, *Um Galo Cantou na Baía* (contos) e *Os Flagelados do Vento Leste* (romance); Baltasar Lopes, *Chiquinho* (romance). Tais narrativas, de cunho social, assemelham-se ao nosso regionalismo de 30, em particular aos romances de José Lins do Rego e Graciliano Ramos.

Só em 1944, a geração Certeza trouxe um tom marxista às narrativas de Cabo Verde. Orlanda Amarílis, que continua a escrever até hoje, foi uma das principais representantes, trazendo para seus contos o imaginário feminino das ilhas.

Nos anos 60, com a guerra declarada contra o colonialismo português, unem-se as literaturas das cinco colônias portuguesas na África em torno da temática libertária, cujas utopias fazem dos versos armas de luta contra o salazarismo português. Em Cabo Verde, Amílcar Cabral lidera o PAIGC, o poeta Ovídio Martins proclama “o ficar para resistir”, outros poetas se destacam: Osvaldo Osório, Armênio Vieira, Tomé Varela.

Outro poeta importante, cuja produção se inicia em 1959 e entra pelos anos 80, é Corsino Fortes. Sua obra, *Pão & Fonema* (1974) e *Árvore & Tambor* (1986), representa um salto em direção a uma linguagem comprometida com o universo ilhéu, pois busca reescrever Cabo Verde com tintas próprias, com o ritmo dos tambores e fonemas crioulos. Sua poesia apresenta alto grau de consciência técnica e política. Prima pelo rigor formal e contenção da linguagem, lembrando a poética de João Cabral. Com a palavra Corsino:

DE BOCA A BARLAVENTO

I

Esta
a minha mão de milho & marulho
Este
o sol a gema E não
o esboroar do osso na bigorna
E embora
O deserto abocanhe a minha carne de homem
E caranguejos devorem
esta mão de semear
Há sempre

Pela artéria do meu sangue que g
o
t
e
j
a
De comarca em comarca
A árvore E o arbusto
Que arrastam
As vogais e os ditongos
para dentro das violas

II

Poeta! todo o poema:
geometria de sangue & fonema
Escuto Escuta

Um pilão fala
árvores de fruto
ao meio do dia
E tambores
erguem
na colina
Um coração de terra batida

E lon longe
Do marulho à viola fria

Reconheço o bemol
Da mão doméstica
Que solfeja

Mar & monção mar & matrimónio
Pão pedra palmo de terra
Pão & património

Pão & fonema, 1974

(apud *No Reino de Caliban I*, p.203-204)

Na Guiné-Bissau, surgem nomes importantes na poesia : Vasco Cabral, Hélder Proença, entre outros. É publicada a primeira antologia da Guiné: *Mantinhas para quem luta!*, cujas poesias, tornando-se guerrilheiras, cantam o desejo de libertação.

Nessa época, em Moçambique, são editados vários fascículos sob a denominação *Poesia de Combate*. Na prosa moçambicana, escritores como Orlando Mendes, com o romance *Portagem*, e Luís Bernardo Honwana, com o livro de contos *Nós Matamos o Cão-Tinhoso*, denunciam a opressão e a miséria vivida pelo povo.

São muitos os poetas também em Angola a produzirem poemas nessa dicção: Costa Andrade, Jofre Rocha, e outros. Na ficção, diversos escritores optam pela temática da guerra e pela denúncia das carências sociais. Luandino Vieira, desde os anos 60 e passando pelas décadas subseqüentes, envereda por esse caminho, mas se afirma por um estilo próprio que busca, à maneira de Guimarães Rosa, recriar a língua de colonização, “quimbundizando-a” pela opção de transcriar a fala dos habitantes dos *musseques*, isto é, as favelas de Luanda, onde o povo oprimido vivia em condições subumanas. Outros escritores desse período também se destacam, entre eles Pepetela, com o seu famoso romance *Mayombe, o qual, ultrapassando a dimensão apenas ideológica das narrativas comprometidas com a utopia da Revolução, discute valores humanos universais, como o amor, o sexo e a amizade, além de criticar o tribalismo e as contradições da própria guerra. Pepetela é um dos grandes escritores angolanos, cuja obra apresenta várias fases, na medida em que continua a escrever até hoje.*

Nos fins dos 60 e início dos 70 , com a intensa repressão da PIDE (polícia salazarista), a literatura se torna bastante metafórica para driblar a censura. A poesia, principalmente em Angola e Moçambique, se torna elaborada, voltando-se sobre ela mesma. É a fase da “*Poesia do Gueto*”, do grupo Caliban, em Moçambique, com poetas como Rui Knopfli, Sebastião Alba, Alberto de Lacerda, entre outros, e, em Angola, com poetas como David Mestre, Manuel Rui, Arlindo Barbeitos, Ruy Duarte de Carvalho, para citar somente alguns.

Com a independência, retornam as utopias. São vários os poetas a celebrarem a liberdade conquistada. Em Angola, lembramos o nome de Manuel Rui com seu livro *Cinco vezes onze: poemas em novembro*, obra literariamente muito bem construída. Em Moçambique, citamos o livro *Monção*, de Luís Carlos Patraquim , que celebra os bons ventos libertários.

O fim dos 80 e os 90 são marcados por um desencanto na esfera social, que se reflete na área literária. A poesia dessas décadas se caracteriza pela superação da poética “cantalutista” e pelo

desaparecimento das referências circunstanciais presentes na poesia revolucionária. Há a radicalização do projeto de recuperação da língua literária, aproveitada em suas virtudes intrínsecas e universais, sem os regionalismos característicos da literatura dos anos anteriores. Há a metaconsciência e o traço crítico, mas sem o panfletarismo ideológico. Ironia, paródia, desencanto são procedimentos de denúncia à corrupção e às contradições do poder. Dialogando com poetas das gerações anteriores, essa lírica aponta para a crise das utopias e funda um novo lirismo que procura cantar os sentimentos existenciais, desvinculados do canto coletivo social. Há uma intensificação poética, através da depuração da linguagem literária que, em alguns poetas, se manifesta por experimentalismos, por corporizações plásticas de palavras, por metáforas surrealistas, por jogos verbais que acentuam a relação entre a ética e a estética.

Afinados a essa nova dicção, em Angola, os principais poetas atuais são João Melo, Lopito Feijóo, João Maimona, Ana Paula Tavares, Eduardo Boavena, José Luís Mendonça, de quem citamos o poema:

EU QUERIA ABSTER-ME

Eu queria abster-me
de olhar as lentas
feras madrugadas
paridas entre a unha e a polpa
dos meus dedos de sangue.

Bem queria abster-me
disso mas elas vêm
de raivas uivando implorando
cheias
da sua incompreensão do além-mar.

Bem queria abster-me
mas mexe em mim a dor
de todo o acontecer
no seio do deus transformador:
eu sou a sua inteira compreensão
e absorvo a múltipla realidade.

(apud *Letras & Letras*, 1993)

Em Moçambique, lembramos os nomes de Luís Carlos Patraquim, de Eduardo White, poeta oriundo da revista *Charrua*, de Nélson Saúte, de Armando Artur, entre outros. Do último, destacamos o poema:

(O TEU CORPO DE TERRA E MAREZIA)

O teu corpo de terra e maresia
onde o meu barco se desencalha
e abre velas e caminhos livres

o teu corpo de terra e maresia
onde a minha proa anuncia
segredos na esteira branca

o teu corpo de terra e maresia
onde a minha bandeira de sonhos
no mais fundo se revela

o teu corpo de terra e maresia
onde o meu barco de novo se prepara
para novas e longas viagens

em busca dum dia justo, limpo e pleno,

(assim seja!).

(Armando Artur, apud Nelson Saúte: 1993, p. 39-40)

Em São Tomé, não poderíamos esquecer de mencionar Conceição Lima, que faz uma poesia de revisão crítica da história de seu país, como podemos observar em seu poema a seguir:

ANTES DO POEMA

Não dispomos ainda das palavras
Que cavarão o verso oco dos dias
não dispomos ainda da idéia exacta certa
que amanhecerá o verso sobre o rosto
açoiado
da Cidade
Fermentem no chão as palavras os sentidos
a ideia
e escorram fogo e lava pelo corpo da
Cidade
enquanto imerso aguarda o poema o
momento profundo da floração

Não repovoarei as sombras
os lugares vazios que ficaram

Não nutrirei as lágrimas
a orla desértica das praias ensanguentadas

Não chorarei em vão
sobre o leito das águas esquecidas

As sombras regressarão às paisagens
adormecidas
adornadas de estranhas nuvens e de lianas
as lágrimas germinarão frutos
sobre superfície agreste dos caminhos

e o choro no ventre claro
das águas redimidas

o grito poisará então sobre a madrugada
será pranto será asa será canto

para florir no crepúsculo da incerteza
como rosas como rios como asas

(apud *Revista Tchiloli*, Ano I, nº 0,
fevereiro de 97, p.11)

Na Guiné-Bissau, a mais pobre das ex-colônias, também algumas vezes novas surgem, entre as quais as de Domingas Samy e Carlos Lopes, embora, na maior parte das vezes, as narrativas ainda

circulem apenas oralmente. Na poesia, nesses tempos de distopia, há, por exemplo, o canto lúcido do poeta António Soares Lopes Júnior, conhecido pelo pseudônimo Tony Tcheka:

TECTO DE SILÊNCIO

Ergo a minha voz
e firo o tecto do silêncio
Nego a morte de crianças
porque há míngua de medicamentos

Na angústia
liberto o verbo
mordo o pólo da desgraça
que grassa
nesta África desventurada
em obra
e graça
subdesenvolvendo-se

Coloco andaimes
nos alicerces do tempo
perscruto os ventos
circunciso as ondas
nego a convivência da paciência
que amordaça a fala
e cala o sentimento.

Exorcizo o paludismo
apeio a poliomielite
amputo a desgraça
e eis a graça da criança
florescendo a vida

Bissau, 1990

(apud *Noites de Insónia na Terra Adormecida*, 1996. p. 125)

Em Cabo Verde, no ano de 1991, a publicação de *Mirabilis: de veias ao sol*, antologia organizada por José Luís Hopffer Almada, reúne os “novíssimos poetas de Cabo Verde”, divulgando a poesia cabo-verdiana produzida após o 25 de Abril. O não cumprimento das promessas sociais gera um desalento. Entretanto, lembrando-se de que, mesmo no deserto, cresce a *mirabilis*, a nova geração resiste poeticamente a esses anos de “mau tempo literário”. Destacam-se entre os mirabílicos: Manuel Delgado, David Hopffer Almada, Kaliosto Fidalgo, Euricles Rodrigues, Vera Duarte, Luís Tolentino, Vasco Martins, Canabrava, entre outros. Desse último, lembramos o poema:

PÃO E SUOR

I
De sol-a-sol
Espigam no teu rosto
Moléculas de suor

Já nos caminhos
Da África
 América
 Europa
Tua partida foi necessária
Na conjugação das coisas

Num dualismo constante
De vida & lida
O teu corpo

Singrou mares de todos os Oceanos
Horizontes de toda a esperança...

De porto a porto
Crescem sílabas na saliva da boca
E revive no teu rosto
A cicatriz da saudade

Na têmpera de catabolismos
Trazes nas páginas da vida
Lágrimas salgadas da partida

Regresso
Terra amor-mãe-crecheu
Amargura-tristeza-saudade
(São sentimentos esquecidos)
Que confluem
Em ambiente
De festa & alegria

E já crescem sílabas na boca
Ao molhar a palavra
Pelo canal da garganta
Saboreando o grogue de terra!

II
De sol-a-sol
Estampam no teu rosto
Moléculas de suor

Não há lágrimas que não encham
A fonte da tua nostalgia!

Pitagoricamente
Teorias + teoremas
Pão & suor
Razão & resistência + certeza

Não há pão que não custa suor
Não há suor que não custa sacrifícios

E
Enquanto as enxadas
Sucumbem à estiagem
Sacrifícios nossos continuarão

E
Suor & certeza
Espigarão no teu rosto
Procriando o pão!

1983

(Canabrava. Apud *Mirabilis de Veias ao Sol*,
p.95-96)

Na prosa, tendências variadas se apresentam no pós-independência. Há escritores que buscam a dicção do humor, fazendo a crítica da realidade. Citamos, em Angola, Uanhenga Xitu, com "*Estórias na Sanzala (Kahitu)*"; Manuel Rui, com *Quem me Dera Ser Onda*; Pepetela, com *O Cão e os Caluandas*, entre outros.

Há também as obras que trabalham na linha da ficção e da história, recuperando procedimentos da oralidade e tradição africanas, em conjugação com uma escrita que utiliza procedimentos ficcionais

bastante modernos. É o caso, em Angola, de Boaventura Cardoso, com *Dizanga dia Muenhu*; de Luandino Vieira, com *Nós, os de Makulusu*, entre outros livros; de Agualusa, com *A Conjura*; de Pepetela, com *Lueji, A Geração da Utopia, O Desejo de Kianda, A Parábola do Cágado Velho, Predadores*, romances através dos quais o escritor denuncia as guerras sempre presentes na história angolana, chamando atenção, nos três últimos livros (publicados nos anos 90), para as guerrilhas entre o MPLA e a UNITA que desestabilizaram o processo de independência e transformaram as utopias revolucionárias em distópicas ruínas, cujos destroços assinalam o dilaceramento atual de Angola.

Em Moçambique, os escritores também evidenciam a crise que atravessa o país destruído por quase trinta anos de guerra. Mía Couto, com seus romances, *Terra Sonâmbula* e *A Varanda do Frangipani*, e Ba Ka Khosa, com *Ualalapi*, repensam a história moçambicana a partir de um trabalho arqueológico com os fantasmas da memória presentes no imaginário do país.

Em Cabo Verde, não poderíamos deixar de mencionar, na ficção, nomes como os de Teixeira de Sousa, com vários romances publicados; de Manuel Veiga, que escreve em crioulo; de Vasco Martins; de Dina Salústio e de Germano Almeida, cujo livro *O Testamento do Sr. Nepomuceno* foi transformado em filme, em razão do sucesso que fez, ao captar, com humor e acuidade, os problemas do universo cabo-verdiano.

Sintetizando, observamos que, de um modo geral, sete paradigmas norteiam o desenvolvimento das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: o referente às origens (segunda metade do século XIX), cujos poemas se encontram colados à produção literária portuguesa; o relativo a uma fase intermediária de busca de identidade local (primeiras décadas do século XX), em que as obras são ainda perpassadas por uma ambigüidade entre a pátria lusitana e a mátria africana; o que compreende o período de mergulho nas raízes africanas e de afirmação das respectivas nacionalidades (década de 30, em Cabo Verde, e década de 50 em Angola, Moçambique, São Tomé); o correspondente à época das utopias libertárias, das lutas contra o colonialismo (década de 60); o que se refere à fase de “gueto”, período de intensa censura, em que, por terem muitos escritores sido presos, a poesia, apenas metaforicamente, faz alusões ao social, abordando temas universais e voltando-se para a sua própria construção e linguagem (fim dos 60 e primeiros anos da década de 70); o que compreende os anos da pré e da pós-independência, quando voltam os temas sociais, as utopias revolucionárias, os textos celebratórios da liberdade; nessa época, surgem também narrativas que discutem a necessidade da reconstrução nacional (década de 70 e parte da década de 80); e, por fim, o que corresponde à fase atual de desencanto (fim dos 80 e os 90), em que a literatura reflete sobre a falência dos antigos ideais fundados em um marxismo ortodoxo e aposta na resistência cultural, investindo na recuperação dos mitos e sonhos submersos no inconsciente coletivo desses povos.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mário Pinto de. *Antologia temática da poesia africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1975, v.I (*Na Noite Grávida de Punhais*) e v.II (*Canto Armado*).
- ANTOLOGIA *poética da Guiné-Bissau*. Lisboa: Inquérito, 1990.
- ARAÚJO, Cremilda Medina. *Sonha mamana África*. São Paulo: Ed. Epopéia, 1987.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do espaço*. Rio: Livraria Eldorado, s. d.
- _____. *O Direito de sonhar*. 2. ed. SP: DIFEL, 1986.

- _____. *A Água e os sonhos*. SP: Martins Fontes, 1989.
- _____. *O Ar e os sonhos*. SP: Martins Fontes, 1990.
- BENDER, Gerald. *Angola sob o domínio português: mito e realidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- BHABHA, Homi. *Nation e narration*. London: Routledge, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. SP: Brasiliense, 1984.
- _____. *A Origem do drama barroco alemão*. SP: Brasiliense, 1984.
- BENOIST, Luc. *Signos, símbolos e mitos*. BH: Interlivros, 1976.
- BOSI, Alfredo. *A Dialética da colonização*. SP: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *O Ser e o tempo da poesia*. SP: Cultrix, 1983.
- CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 5. ed. SP: Ed. Nacional, 1976.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Noêmia de Sousa. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- _____. *Cahier d'un retour au pays natal*. Paris: Présence Africaine, 1971.
- CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas*. Lisboa: Vega, 1994.
- COELHO, Teixeira. *O que é utopia*. 3. ed. SP: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos, 12)
- DAVIDSON, Basil. *Mãe negra*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- _____. *Os Africanos: uma introdução à sua história cultural*. Lisboa: Ed. 70, 1981.
- ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. Luanda:UEA,1983.
- ESTUDOS PORTUGUESES E AFRICANOS*. Campinas: IEL, UNICAMP, do número 73 ao 92 (19 volumes).
- FANON, Frantz. *Os Condenados da terra*. Prefácio de Sartre. Trad. José Laurêncio de Melo. Rio: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *Pele negra, máscaras brancas*. Rio: Ed. Fator, 1983.
- FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban*. 3. ed. Porto: Plátano, 1977. 3 vol.
- _____. *50 poetas africanos*. Lisboa: Ed. Plátano, 1989.
- _____. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. SP:Ática,1987.
- _____. *O discurso no percurso I*.Lisboa: Plátano,1989.
- KI-ZERBÔ, Joseph. *História da África negra*. Lisboa: Europa - América, 1978. 2 v.
- LABAN, Michel. *Encontro com escritores*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1989-1998. 3 volumes.
- _____. *et alii. Luandino e sua obra: estudos, testemunhos, entrevistas*. . Lisboa: edições 70, 1980.
- LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- LE GOFF, Jacques. *A História nova*. SP: Martins Fontes, 1990.
- _____. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.
- MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.
- MATA, Inocência. *Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa*. Ponte vedra /Braga, Cadernos do Povo,1992.
- _____. *Diálogo com as ilhas*. Lisboa: Expo (8, 1998.
- MIRABILIS de veias ao sol: antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos*. Seleção e apresentação de José Luís Hopffer Almada. Lisboa: Caminho e Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1991.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. Rio: Paz e Terra, 1977.
- MENDONÇA, Fátima. *Literatura moçambicana: a história e as escritas*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1988.
- MOSER, Gerald & FERREIRA, Manuel. *Bibliografia das literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: IN - CM, 1983.
- MOURALIS, Bernard. *As Contraliteraturas*. Coimbra: Almedina, 1982.
- _____. *Littérature et développement*. Paris: Silex, 1984.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. SP: Ática, 1986.
- NEVES, João Alves. *Poetas e contistas africanos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.
- NOBRE, Maria da Conceição. *Antologia de poesias angolanas*. Nova Lisboa: Serviços Culturais, 1957
- NOVAES, Aduato (org.). *Tempo e história*. SP: Cia das Letras, 1992.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana pós-50*. Niterói: EDUF, 1995.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. SP: Perspectiva, 1976.
- _____. *O Arco e a lira*. 2. ed. Rio: Nova Fronteira, 1982.
- REDINHA, José. *Distribuição étnica de Angola*. Luanda: instituto de Investigação Científica de Angola, 1971.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1987.
- REVISTA RANGE-REDE, 2, Ano 2. Rio: Fac. Letras da UFRJ, Setor de Publicações, 1996.
- REVISTA LÍNGUA MAR: CRIAÇÕES E CONFRONTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA. (Org. de Ana Maria Galamo). 2. ed. Rio: FUNARTE, 1997.
- RIAÚZOVA, Helena. *Dez anos de literatura angolana*. Lisboa: Edições 70,1987.
- ROSÁRIO, Lourenço. *A Narrativa africana*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Angolê, 1989.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o Anjo*. Rio: Tempo Brasileiro, 1981. p. 85 a 112.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. SP: Companhia das Letras, 1995.

- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. SP: Perspectiva, 1978.
- SANTILLI, Maria Aparecida. *Africanidades*. SP: Ática, 1985.
- _____. *Estórias africanas*. SP: Ática, 1985.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 2. ed. SP: Huicitec, 1997.
- SARTRE, Jean-Paul. Orphée noir. In: SENGHOR, L.S. *Antologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. Paris: PUF, 1948.
- SAÚTE, Nelson. *Antologia da novíssima poesia moçambicana*. Maputo: AEMO, 1993.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. SP: Cia das Letras, 1996.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó. [Org.]. *Guia Bibliográfico das literaturas africanas de língua portuguesa em Bibliotecas do Rio de Janeiro*. Rio: UFRJ/UERJ, 1996.
- (obra policopiada).
- _____. “No Ranger da memória e nas redes do poético: o processo de reinvenção verbal em Guimarães, Luandino Vieira e Mia Couto”. In: *REVISTA RANGE-REDE*, n. 2, Ano 2. Rio : Fac. Letras da UFRJ, Setor de Publicações, 1996.
- _____. [Org.]. *Antologia do mar na poesia africana do século XX: Moçambique*. Rio: UFRJ/UERJ, 1998. vol. 3. (obra policopiada).
- SENGHOR, L.S. *Antologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. Paris: PUF, 1948.
- TENREIRO, Francisco José e M. P. de ANDRADE. *Poesia negra de expressão portuguesa*. Lisboa: Ed. África, 1982.
- TRIGO, Salvato. *Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira*. Lisboa, Vega:1986.
- _____. *Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira*. Lisboa: Vega, 1986.
- _____. *A Poética da Geração Mensagem*. Porto: Brasília, 1979.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX